

M. Therezinha de  
C. Machado\*

# Linguagem e Pensamento da Criança

O método que levou Piaget a obter resultados tão fecundos em suas pesquisas, é, também, um método original. Batizou-o de "método clínico", que consistia em deixar a criança falar, sendo observada, anotando-se a maneira pela qual ela desenvolve seu pensamento. Este método, que representa uma arte de interrogar, não se limita a constatações superficiais, mas visa, ainda, a observar o que se esconde por trás das aparências.

Ele começou suas pesquisas sobre a origem da inteligência e, conseqüentemente, do conhecimento, acreditando no desenvolvimento concomitante do pensamento e da linguagem e da afetividade. Com a evolução de seus estudos, conclui que a criança primeiro conhece os objetos, agindo sobre eles e, só depois designa adequadamente esses conhecimentos por meio de palavras.

"Para demonstrar a ineficácia do uso da linguagem na produção do pensamento ou do conhe-

\* **Mestre em Educação  
Especial — UERJ  
Professora do Departamento  
de Educação — PUC/RJ**

## Uma Visão Piagetiana

cimento, Piaget lembrou um fato importante: as crianças que nascem surdas dominam as estruturas lógicas com menos atraso, em relação às normais, do que as cegas, que têm o auxílio da fala. O atraso na aquisição das estruturas mentais, no caso dos cegos, justifica-se por eles não poderem realizar as mesmas coordenações espaciais que os surdos. O fato de poderem ouvir e falar não é suficiente para que essas crianças compensem as deficiências relacionadas à coordenação das ações sobre os objetos." (*Inhelder, 1985*)

Segundo os estudos de Sinclair (1967) com indivíduos no período pré-operatório e operatório concreto, em que foi tentada a aprendizagem de estruturas mentais através da linguagem, reforçaram o ponto de vista Piagetiano de que a linguagem não é fonte de conhecimento lógico, mas é estruturada por ele.

Outras contribuições como as de Duchworth, citado por Wadsworth (1984): "Se há lógica e conhecimento, uma pessoa será capaz de encontrar as palavras adequadas para representá-la." Não adianta ao pré-escolar, por exemplo, utilizar palavras se não pode dar-lhes um significado completo da realidade. Os educadores têm que fazer com que os educandos tenham uma aprendizagem ativa que resulte em estruturas de pensamento e conseqüentemente, em instrumentos de assimilação de conhecimento.

Embora a linguagem não seja um fator determinante do

pensamento, se for utilizada ao lado da maturação biológica e da experiência com objetos, será importante elemento para construção do real.

A linguagem aparece mais ou menos ao mesmo tempo que as outras manifestações da função simbólica ou de representação. Ela começa com a fase de lalação entre os 6 e 10/11 meses, seguida de uma fase de diferenciação de fonemas por imitação, desde os 11/12 meses. No final do estágio sensório-motor, surgem as palavras-frases que permitem à criança exprimir desejos e emoções. No fim do segundo ano, observam-se frases de duas palavras e, em seguida, a aquisição progressiva de estruturas gramaticais.

Para Piaget, portanto, as origens do pensamento lógico não se encontram na linguagem mas nas ações sensório-motoras da criança. Primeiro, ela aplica seus

esquemas aos objetos para defini-los pelo "uso", para mais tarde defini-los através de palavras.

Piaget não enfatiza a capacidade de se expressar, pois a origem do pensamento lógico não está na linguagem, embora ele reconheça que a linguagem aumenta de maneira indiscutível os poderes do pensamento. A linguagem amplia e aprofunda a capacidade de compreensão mas não explica o desenvolvimento da inteligência. É preciso não esquecer que a compreensão das relações entre os objetos implica a ação do sujeito sobre os mesmos e esta ação não pode ser substituída pelas palavras. Uma das conclusões a que se chega, a partir da posição de Piaget sobre a linguagem, é a de que os conceitos infantis não se formam pela emissão verbal. A educação pré-escolar, por exemplo, deve se preocupar com o desenvolvimento de linguagem como uma das formas de uma função muito mais ampla, isto é, da função semiótica. A expressão verbal da criança é reflexo do progresso do seu pensamento. Portanto, para melhorar sua expressão verbal é preciso, antes de mais nada, favorecer o desenvolvimento do seu pensamento. A linguagem é uma forma de representação e consiste num sistema de significações no qual a palavra funciona como significante, porque permite ao indivíduo evocar, verbalmente, objetos ou acontecimentos ausentes. Portanto, a construção da inteligência é anterior, apresentando-se inclusive como

condição para aquisição da linguagem. Algumas pesquisas podem aqui ser citadas, indicadoras de que a "linguagem é consequência do desenvolvimento cognitivo".

Palermo e Mofese (1972) estudaram a linguagem em crianças a partir de 4 anos. Encontraram evidências de que os aspectos sintáticos e semânticos estão intimamente relacionados e que, portanto, a expressão lingüística mais avançada é consequência do desenvolvimento cognitivo.

Goldfeld (1977) trabalhou

cabulário acima da média. No grupo de crianças desfavorecidas socialmente, houve uma concentração de crianças que não seriam e com um nível de desenvolvimento do vocabulário abaixo da média.

Rosenthal (1979) pesquisou as relações entre a linguagem e o pensamento em sujeitos na faixa etária entre 11/12 anos. Solicitou que os adolescentes resolvessem uma tarefa própria para avaliar o pensamento formal e analisou a linguagem espontânea utilizada por eles, enquanto descrevi-

am os efeitos das variáveis que interferiram na resolução da tarefa. Baseou-se nos trabalhos de Piaget (1928), que demonstrou que a inabilidade da criança, nas fases pré-operatória e operatória concreta, de utilizar e compreender conjunções como porque, todavia, estava condicionada à falta de domínio de relações lógicas. Os resultados do seu trabalho indicaram que, na criança, a habilidade de conceitualizar palavras estava na dependência do acesso do pensamento às operações formais.

Piérart (1978) estudou o emprego das preposições (em cima de, embaixo de, sob e sobre). Para isto formou um grupo experimental de 144 crianças na idade de 3 a 7 anos e 11 meses. Organizou também um grupo de controle com 50 adultos. Levantou a hipótese de que a estrutura cognitiva subjacente à estrutura lingüística constitui a explicação para o domínio do uso das preposições espaciais.

Como vimos, os resultados das pesquisas apresentadas anteriormente, vão ao encontro das explicações dadas por Piaget (1967). Embora nem todas as investigações arroladas tenham

**"A linguagem aparece mais ou menos ao mesmo tempo que as outras manifestações da função simbólica ou da representação."**

numa linha de pesquisa semelhante à de Sinclair, com oitenta sujeitos residentes do Município do Rio de Janeiro, sendo 40 deles de nível sócio-econômico baixo. A idade das crianças variou de 5 a 8 anos. A principal hipótese de Goldfeld foi: "As estruturas de linguagem relativas às expressões comparativas simples aparecem em função do nível de desenvolvimento cognitivo da criança". Foram utilizadas provas de conservação e de seriação, na forma proposta por Piaget e

**"Na visão de Piaget, a linguagem das crianças não reflete o conhecimento que elas têm do real."**

Sinclair, para avaliar o nível de desenvolvimento do pensamento. Além disso, aplicou-se o teste WISC, para avaliar o nível de desenvolvimento do vocabulário. Os resultados desse estudo revelaram uma concentração, no grupo sócio-econômico alto, de crianças conservadoras e com nível de desenvolvimento do vo-

sido feitas em função de esclarecer a relação entre o pensamento e a linguagem, forneceram elementos que confirmam, de certa forma, a tese Piagetiana. Mostraram que a criança, à medida que enriquece cognitivamente, apresenta melhores condições para se expressar através da linguagem, quer no nível da semântica, quer no da sintaxe.

Outras experiências vêm sendo feitas com crianças portadoras de retardo mental, em que se estimula principalmente a dimensão cognitiva, obtendo-se um desenvolvimento considerável no que se relaciona a sua linguagem, preponderantemente no aspecto qualitativo.

Na visão de Piaget, a linguagem das crianças não reflete o conhecimento que elas têm do real. Se não apresentam problemas neurológicos ou emocionais sérios, elas podem conhecer ou assimilar os acontecimentos mesmo que não possam representá-los através de palavras. "A defasagem entre o saber e a comunicação do saber existe mesmo em crianças falantes, aparentemente donas de uma linguagem altamente significativa" (Faria, 1989). Nem sempre existe relação entre as palavras (significantes) e o conteúdo delas (significado). É preciso que o professor tome cuidado para não rotular de superdotados alunos que apenas usam com fluência as palavras e, de retardados, os que apresentam dificuldades de se comunicar. Devemos dizer que, em algumas situações, a linguagem pobre está ligada a dificuldades cognitivas. Wadsworth (1984) disse muito acertadamente: "... uma falta de facilidade em linguagem não deve ser automaticamente considerada como um reflexo de um déficit no conhe-

cimento, embora um déficit no conhecimento, às vezes, venha acompanhado por um déficit na linguagem".

Parece que podemos admitir que, até certa idade, as crianças pensam e agem de maneira mais egocêntrica do que o adulto. Parecem falar mais entre si sobre o que fazem quando estão juntas, mas grande parte do que dizem não é dirigido a ninguém (monólogo coletivo). Mais tarde, elas adaptam sua resposta à frase do companheiro, mas não são capazes de manter uma conversação

**"... a linguagem verbalizada é uma das formas de comunicação do pensamento. Assim, a construção da inteligência é anterior, apresentando-se inclusive como condição à aquisição da linguagem."**

longa, podendo mudar de tema a partir de uma palavra que desperte seu interesse (informação adaptada). Depois a criança pode manter uma conversação sem, contudo, ser capaz de discutir diferentes pontos de vista, para chegar a uma conclusão comum (diálogo). Finalmente, o adolescente tem possibilidade de discutir sobre um tema (discussão).

A representação permite ao indivíduo evocar o significado — objetos, pessoas, acontecimentos — por intermédio de significantes — imagens, palavras. A linguagem é uma forma de representação, é uma manifestação da função semiótica e consiste num sistema de significações no qual a palavra funciona como significante, porque permite ao sujeito evocar, verbalmente, objetos ou acontecimentos ausentes.

Em todos os níveis do desenvolvimento mental existem significações. São encontrados indícios (2;0) na inteligência prática, semi-signos (2;0/7;0) na inteligência simbólica e signos (7;0-8;0/11;0) na inteligência con-

ceptual e verbalizada. Somente estes últimos são significantes relativos a significados socializados capazes de tornar o intercâmbio social realmente possível.

Portanto, a linguagem verbalizada é uma das formas de comunicação do pensamento.

Assim, a construção da inteligência é anterior, apresentando-se inclusive como condição à aquisição da linguagem. Piaget defendeu a crença de uma relação estreita entre o pensamento e a linguagem em todas as fases do desenvolvimento.

Dentro deste paradigma, o professor é um orientador, é um facilitador das aprendizagens de seu alunos.

*Referências Bibliográficas*

FARIA, Analia Rodrigues. O Pensamento e a Linguagem da Criança segundo Piaget. São Paulo, Ática, 1989.

MANTOVANI DE ASSIS, Orly Z. Função Semiótica ou Simbólica, Texto nº 9. São Paulo, PROEPRE, 1980.

PIAGET, Jean e INHELDER, Barbel. A Psicologia da Criança. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1985.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro, Forense, 1970.

PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo da Criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

PIAGET, Jean. A Linguagem e o Pensamento da Criança. São Paulo, Martins Fontes, 5ª ed. 1989.